

A história da América vista através do compêndio do Rocha Pombo (1900)

Wiliane Barbosa Gonçalves de Moura- UFPI.

Mestranda em história do Brasil pela Universidade Federal do Piauí e Bolsista CAPES

wilianebl@hotmail.com

José Petrucio de Farias Júnior-UFPI

Professor e Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil-PPGHB

petruciojr@terra.com.br

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a construção do conteúdo de história da América, a partir do compêndio de História da América produzido por Rocha Pombo, no Brasil, que serviu de base para o ensino secundário. Trata-se de um compêndio que se tornou norteador para se pensar a história da América antiga no Brasil no sistema de ensino brasileiro, cuja disciplina de história da América só começou a ser estudada nas escolas secundárias, a partir de 1951, quando o conteúdo é inserido a partir de um programa educacional, pois até então só haviam as disciplinas de história geral e do Brasil como matérias obrigatórias. Escolhemos o livro publicado por Rocha Pombo por ser o primeiro compêndio de história da América produzido no Brasil. O recorte temporal se justifica pelo período de lançamento do compêndio História da América no Brasil. Analisaremos como aportes teóricos a produção de Manoel Bonfim a respeito da construção da identidade brasileira, Circe Maria Fernandes Bittencourt, que trabalha com o ensino de história e a análise do livro didático. Para isso, buscaremos enfatizar como esse processo influencia na escrita do livro didático, trazendo a sua análise afim de compará-lo com os discursos sobre a formação da América Latina que estavam se firmando no Brasil.

Palavras-Chave: Rocha Pombo; Brasil; compêndio História da América

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal trabalhar, dentro do cenário educacional, o estudo sobre o ensino de história da América nos livros que circulavam no Brasil durante o período de 1900, como forma de perceber a relação desse país a partir de sua construção educacional mediante o cenário político e social no presente momento. Por conseguinte, mostraremos que, a produção de história da América só vem se efetivar no Brasil a partir de 1900 com a publicação do compêndio de Rocha Pombo, justificando assim a temporalidade apresentada, aos quais, “[...] nenhum capítulo se refere aos povos ameríndios, ou seja, dentre as civilizações antigas que deveriam ser ensinadas pelos professores-autores do Brasil oitocentista, não havia espaço para as civilizações

americanas.” (ALTOÉ, 2016, p.69), isto é, até então os compêndios eram escritos a partir de dois conteúdos como a história sagrada e a história europeia¹.

Para isso, buscaremos também estruturar a ideia que envolve, dentro desse sistema de ensino, os vínculos diretos que emana através de seu compêndio, pois este, que fora produzido dentro do Brasil, poderia ter sido influenciado por outros, tal como exemplo o compêndio de Diego Arana, que serviu de base para produções em outros países, principalmente para o Brasil ao qual influenciou a construção do próprio livro do Rocha Pombo. Evidentemente, esse processo se torna uma das atribuições que nos faz pensar sobre as relações educacionais nesse país, pois é através do compêndio que os nossos questionamentos se fazem presente quanto a esse processo serviu ou não de base para introduzir uma escrita de história da América dentro do próprio continente. Além disso, essa relação também se torna uma tentativa de compreender a constituição do ensino de história da América no Brasil a partir da abordagem, no que diz respeito à construção da América enquanto continente e a sua relação com o próprio país.

Desse modo, o interesse em produzir livros acerca da construção da América, no que tange o início da escolarização no Brasil, só começa a ser possível a partir do início do século XX; além de questionar se essa iniciativa fora influenciada por outras produções escriturais fora do país. Sendo assim, a organização do conteúdo da América antiga no compêndio de Rocha Pombo contribuíra na organização de um sistema educacional brasileiro e principalmente nos compêndios que serviram de base para o ensino secundário à medida que houve uma necessidade de mostrar de que forma a produção de seus compêndios se constituíam através da circulação dos livros nas décadas iniciais do século XX. Com isso, analisar o próprio sistema de ensino no Brasil e assim perceber como estes processos se relacionam possuem forte importância para o campo da historiografia no contexto da América e também demonstra suas possíveis influências, diante desse cenário educacional.

A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ASSOCIADA AO PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DO COMPÊNDIO ROCHA POMBO (1900)

¹ Dentro desse contexto, a história europeia que é evidenciada a partir da restrição de história antiga e medieval, levando em consideração os compêndios produzidos antes de 1900.

Estabelecer uma associação entre o campo da Educação e o campo da historiografia nos permite enveredar por outros espaços, ao qual partimos do diálogo com a História a partir do seu objeto, trabalhando o próprio ensino de história e sua relação com a educação, resultando em problematizações que permeiam os estudos no cenário da história da educação, ao qual nossa pesquisa está pautada.

A história da educação, [...], apresenta-se então como um campo de pesquisa e de saber sistematizado de um conjunto de problemas proposto pelos historiadores relativos à educação no passado. Sua produção se faz pela interrogação de memórias e de diferentes registros documentais escritos, falados, cantados, iconografados etc., associada a estudos teóricos e conceituais. (VEIGA, 2007, p.10)

Nesse sentido, Veiga (2007) nos mostra como a história da educação é apropriada dentro dos momentos históricos a partir da constituição das políticas educacionais presentes nos cenários sociais dos países durante os séculos e que, é nesse contexto em que evidenciamos o nosso objeto, pois as fontes, juntamente com os debates teóricos, aos quais se apresentam os conceitos se tornam norteadores para a construção da pesquisa. Nesse primeiro momento, discutiremos acerca do processo de circulação do compêndio de história da América, produzido por Rocha Pombo em 1900 associada a esse debate de história da educação que envolve o cenário nacionalista.

Assim sendo, é importante evidenciar que, para compreender o funcionamento do processo de circulação dos livros é necessário se atentar para a construção da nacionalidade ao qual o Brasil estava inserido, pois o processo educacional estará diretamente atrelado ao seu cenário político. No caso dos próprios manuais, estes serviram como fonte de auxílio para o Estado nesse projeto nacionalista, haja vista que “Centralizada pelo Estado, a educação se apresentou como um verdadeiro projeto de civilização, instrumento para fundar a sociedade harmônica e cujos conflitos pudessem ser racionalmente equacionados. (VEIGA, 2007, p.80), ou seja, é possível perceber que a educação se torna um projeto civilizador de controle do Estado para a sociedade. Por conseguinte, Stuart Hall (2006), trabalha com esse processo nacionalista, porém atrelado a questão das identidades, pois

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma

cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (HALL, 2006, p.49-50)

Quanto a esse processo, tem-se a relação do Estado ligado ao processo das identidades, isto é, Stuart Hall (2006) nos mostra que é através das identidades dos indivíduos, que se fazem pertencentes a grupos sociais, que as próprias sociedades constroem suas culturas nacionais aos quais estão envoltas seus projetos de nação e que vêm nos próprios sistemas de ensino um meio de dominação da sociedade, ou seja, o Estado passa a controlar a organização educacional como forma de nacionalizar os povos, equiparando com as próprias funções destes aos quais detém o controle da própria coletividade, levando em conta a ideia de civilização ao qual o governo pretende alcançar diante esse fator social, transformando-o em organismos, cuja funcionalidade se insere no ideal de nação aos quais os indivíduos estão inseridos, ou seja, em uma sociedade amplamente civilizada, tal qual ambienta a própria identidade nacionalista.

Desse modo, partimos do pressuposto que, dentre outras funcionalidades, os manuais também se tornam uma ferramenta para o Estado de controle da população para o mundo do trabalho, isto é, o processo educacional também se torna um meio de controle do Estado para se chegar ao processo de civilização e por meio deste, ao mundo do trabalho, pois Veiga (2007) nos mostra que o próprio conceito de nação está ligado a ideia de pertencimento ao qual atribui-se todo este processo à questão social, isto é, o termo nação está atrelada a ideia de povo ou sociedade e isso gera um sentimento de pertencimento ao qual os indivíduos fazem parte. Nesse sentido, Veiga (2007) se utiliza do aspecto da educação como método formador ao qual está inserido dentro desse processo constituído por nação que, segunda ela:

Nesse contexto, o termo *nação* passou a fundamentar o poder político que organiza uma comunidade de indivíduos dotados de liberdades e de direitos e unificados por uma mesma tradição cultural. A referência inclui uma idéia de pertencimento que ultrapassa o território geográfico ou a religião e se fixa na lealdade aos princípios unificadores de um povo: leis, língua, hábitos e comportamentos. Como não poderia deixar de ser, e logo veremos, a educação terá um papel destacado na formação da consciência nacional dos povos. (VEIGA, 2007, p.86)

Nesse sentido, a relação entre o processo nacionalista e educacional se objetiva, principalmente, no conteúdo, pois este deveria trabalhar os aspectos nacionalistas como forma de civilização da sociedade, tanto é que a própria disciplina de história da América

só vem se efetivar a partir de 1951, posteriormente a reforma Capanema, no momento auge da Guerra fria, trabalha-se essa ideia de construção de América enquanto continente e que vê na própria educação um entreposto para tal fato. No que tange a esse processo, o conteúdo de história da América se apresenta como uma iniciativa forjar uma identidade para o espaço americano, que, até então no Brasil, não se havia esse processo, tal como aponta Bittencourt, “Os estudos da história da América corresponderam a tentativas de se deslocar uma constituição identitárias forjada sob os moldes europeus para o espaço americano, então criador de novos projetos para as nações do continente americano. ” (p.8)

Diante disso, compreender o processo de constituição do próprio conteúdo de história da América se faz necessário adentrar à sua própria circulação, pois “Os objetivos do ensino da história da América são na perspectiva da História integrada os mesmos do ensino de história geral, e se inserem na contribuição da história para constituição de identidades e não mais exclusivamente na identidade nacional” (BITTENCOURT, p.11), isto é, a relação da própria história da América enquanto constituição de uma identidade reflete na própria construção do conteúdo e posteriormente da disciplina. Isso significa de algum modo que a produção de livros e jornais era controlada pelo próprio Estado, ou seja, “Em outras palavras, o monopólio dos conteúdos e práticas escolares pelo Estado conduziu à busca da homogeneização cultural da sociedade como um todo, o que seria fundamental para completar o processo civilizador. ” (VEIGA, 2007, p.94)

Em relação a presença da história da educação nos conteúdos de história da América é possível estabelecer esses teores, no que tange o seu entrelaçamento nesse contexto a partir do momento em que os manuais serviram de base para a construção da identidade nacionalista do Brasil, isto é, o próprio meio educacional se tornou uma ferramenta para o Estado na construção da sua nacionalidade. Por conseguinte, esse processo é trabalhado a partir de alguns conceitos que nos é permitido desenvolver dentro do campo da história da educação, isto é, tais conceitos são constituídos como ferramentas que nos auxiliam para pensar esse processo da construção da nacionalidade do Brasil através dos próprios manuais escolares. No que tange a isso, Dominique Julia (2001) nos apresenta como a cultura escolar pode estar relacionada a esse processo, a partir do momento em que ele trabalha com a relação dos manuais escolares para pensar a

associação dos conteúdos ensinados e das práticas escolares, pois “[...]a organização de tais documentos em série permite-nos medir o lugar do livro e das práticas de leitura no foro familiar[...]” (JULIA, 2001, p.17).

Todavia, Demerval Saviani (2005) trabalha a relação das práticas escolares a partir do seu caráter histórico-educacional, evidenciando essa noção de cultura material objetivada no campo da historiografia e que possui uma associação direta no campo educacional, ao qual o livro permeia. Ainda dentro desse contexto, Rogério Fernandes (2008), trabalha o caderno escolar como processo de formação do aluno, tendo em vista que o material está associado as práticas educativas e que, nos serve a medida em que o caderno se torna um instrumento didático ao qual possui circulação no ambiente educacional. Em relação ao caderno escolar, Ana Chrystina Mignot (2008) aponta para a produção e circulação dos cadernos, sendo que:

Enquanto caminhava entre a vitrine e as papelarias, fui me dando conta de que, apesar do recente interesse pelos usos dos cadernos escolares em busca da compreensão dos projetos pedagógicos e práticas educativas, pouco conhecíamos de sua produção e circulação. Envolvidos com a história do livro e da leitura, passávamos distraidamente por eles, sem nos determos nesse objeto gráfico, produto de publicação especializada, submetido a normas específicas sobre o formato e o espaço gráfico. (MIGNOT, 2008, p. 70)

Com isso, o próprio meio de circulação possui suas características, pois tal como ressalta Mignot (2008) até chegar as vitrines, que conhecemos como o produto final, o próprio produto passa por uma série de transformações, desde os aspectos gráficos até a sua constituição enquanto livro ou caderno, além disso, a circulação desses livros se dava pelo âmbito do consumo, através do público leitor ao qual se queria atingir. Entretanto, transcorre assim a ideia de que a autora relaciona a importância da imprensa como meio divulgador de circulação dos livros e que, até no meio editorial ao qual havia a publicação de livros, também ocorria a benfeitoria dos próprios jornais, como é o caso da editora Laemmert e Cia, tal qual publicou a obra do Rocha Pombo também confeccionava os jornais.

A circulação de novas idéias foi favorecida pela imprensa, o que permitiu a publicação de uma infinidade de obras, a multiplicação do estoque de textos traduzidos (latim, grego, vernáculo) e o autodidatismo. Também ganha importância o relato de viagens como forma de intercâmbio cultural, a troca de correspondências e os debates

em publicações especializadas ou em associações literárias e científicas. (VEIGA, 2007, p.81)

Para isso, o movimento de novas ideias gera o processo de circulação dos livros, pois como Veiga (2007) salientou, tal circulação era favorecida pela imprensa, isto é, os jornais anunciavam a venda dos livros e suas publicações, tais como os públicos leitores o que facilitava sua produção e comercialização no meio social. Halleweell (2012) demonstra que o Brasil se tornou um grande importador e circulador de livros, à medida que o mercado editorial e o público leitor começaram a crescer, pois “ A salvação da nova indústria iria depender, porém, de encontrar pessoas que não tivessem o hábito de comprar livros e persuadi-las a começar a fazê-lo, oferecendo-lhes um produto totalmente diferente tanto em aparência como em conteúdo. ” (P.42), isto é, fazendo com que o mercado editorial crescesse a cada dia resultando no aumento da circulação dos livros.

No entanto, o mercado editorial apresenta-se como produtor e circulador dos livros, pois se torna um ciclo, tal como ressalta Darnton (1990), isto é, o livro se torna uma ferramenta de comunicação entre o autor, o editor e o leitor, pois eles são difundidos dentro do meio social ao qual a sua difusão ocasiona a sua própria movimentação no mercado, pois

[...] de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. [...]. Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento. A história do todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante. (DARNTON, 1990, p.112)

Percebemos aqui que, Darnton (1990) evidencia todo esse processo que envolve a circulação dos livros, desde a sua produção, com destaque para os consumos internos e externos, quando se é referido o mercado editorial, pois, segundo Darnton (1990), o próprio autor se torna um consumidor, pois ele necessita ler outras obras para produzir a sua própria. Por conseguinte, o livro também se torna um veículo de comunicação ao qual o mercado editorial se utiliza para promover os seus lucros e estabelecer o seu capital,

além de estabelecer a própria difusão de ideias, conectando o leitor com momento ao qual o livro fora produzido. No que tange essa ideia, o mercado editorial no Brasil, durante esse período de 1900, principalmente no Rio de Janeiro, predominava as editoras Laemmert² e Garnier, que eram consideradas as maiores do mercado editorial da cidade.

Contudo, Alexandra Lima demonstra, em relação ao mercado editorial do Laemmert, a expansão das suas editoras, fazendo críticas ao livro do Halleweel (2012), pois para ela, o livro produzido por ele é muito abrangente quanto a exposição das editoras, mas ele também enfatiza em seu livro, sobre a construção da editora e sua expansão pelo país, nos mostrando algumas informações sobre esse processo. Além disso é importante ressaltar que Lima (2008) também aponta que, nesse período há um crescimento quanto a comercialização dos livros, pois

Os estudos sobre o mercado editorial no Brasil apontam o Rio de Janeiro como o ponto de partida da expansão editorial no país. Ainda que alguns pesquisadores continuem enfatizando o predomínio de apenas dois livreiros-editores ao longo de todo o século XIX, os irmãos Laemmert e os Garnier, sem considerar os significados da existência de outros livreiros e editores também importantes naquele período, não é mais possível continuar menosprezando as indicações sobre o número crescente de editores e de comerciantes de livros na cidade. Acompanhando os anúncios do Almanak Laemmert, foi possível mapear os estabelecimentos de venda e publicação de livros no Rio de Janeiro, com variadas ofertas de mercadorias, produtos e serviços. (SILVA, 2008, p.41)

Contudo, o mercado editorial começa a fazer parcerias com o Estado, isto é, as editoras começam a vender os livros para o Estado ao qual vão sendo postos no processo de escolarização dos indivíduos, contribuindo para o aumento da circulação dos próprios livros, pois o público estende-se aos alunos das escolas oficiais, gerando assim uma relação capitalista, voltada ao mercado editorial, ao qual fazem parte o mercado editorial e consumidor, além do próprio Estado. Sendo assim, no próximo tópico, será exposto a análise do compêndio *História da América*, produzido por Rocha Pombo, ao qual será enfatizado apenas a primeira parte do conteúdo que trabalham com a construção das primeiras sociedades e a formação da América, levando em consideração a estruturação do próprio compêndio.

² Essa editora foi responsável pela publicação do compêndio *História da América* de Rocha Pombo;

A ANÁLISE DO CONTEÚDO COMPÊNDIO DA AMÉRICA DE ROCHA POMBO A PARTIR DA FORMAÇÃO DA AMÉRICA

O *Compêndio de História da América* de Rocha Pombo fora produzido em 1900 por tal autor e é o primeiro compêndio de história da América produzido no Brasil, ao qual fora publicado pela editora Laemmert & C. Para tanto, trata-se de um compêndio que se tornou norteador para se pensar a história da América antiga no Brasil dentro de seu sistema de ensino, sendo que a disciplina de história da América só começou a ser estudada nas escolas secundárias a partir da segunda série ginásial, em 1951, quando o conteúdo foi inserido a partir de um programa educacional e que, previa a disciplina de história da América no curso ginásial do ensino secundário, pois até então só haviam as disciplinas de história geral e história do Brasil como matérias obrigatórias.

Partindo desse pressuposto, o compêndio de História da América passou por uma espécie de seleção, ao qual fora submetido ao Conselho Superior de Instrução Pública que, na época era quem avaliava os livros que seriam utilizados nas escolas; e posteriormente adotado nas Escolas Normais, sendo único compêndio de História da América que participa do processo e que é utilizado durante algum tempo na escola, tal como afirma Fernanda Lucchesi (2004),

A sorte de Pombo muda quando, em 1899, o Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal lança um concurso para a escolha de um compêndio de História da América a ser adotado na Escola Normal. Sob pseudônimo de Cristovão Colombo, Rocha Pombo é o único candidato a disputar o prêmio de quatro contos de réis. Seu compêndio recebe parecer favorável de Manoel Bonfim, membro do Conselho e da Comissão Julgadora, sendo publicado em 1900 pela Laemmertz. Segundo Aguiar (1999), o *Compêndio de História da América* teria sido utilizado durante vinte anos na Escola Normal (LUCCHESI, 2004, p.35)

No entanto, Manoel Bonfim (2008) evidencia que participou do concurso ao qual a obra de Rocha Pombo estava concorrendo e que, em sua obra “A AMÉRICA LATINA: males de origem” enfatiza esse processo seletivo e também que ele era membro do Conselho Superior de Instrução Pública, cuja condição transpõe um parecer favorável à obra concorrente, pois se mostrava dentro dos requisitos do edital do concurso. Assim sendo, Lucchesi também aponta que a obra transpunha de pseudônimo, reafirmada por Bonfim (2008) e também pode ser perceptível na imagem abaixo, como forma do próprio

concurso não haver possíveis fraudes, tal como pode ser perceptível no trecho e na imagem a seguir:

Essas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num parecer, prefácio à excelente História da América, livro didático do Sr. Rocha Pombo, parecer que deriva justamente dessa preocupação, já antiga. Em 1897, quando o diretor geral de Instrução Pública fez anunciar o concurso de um compêndio de História da América, solicitei a honra de, na qualidade de membro do Conselho Superior de Instrução Pública, dar o parecer sobre as obras que se apresentassem: tal era o interesse que esse assunto apresentava para mim; e só assim se explica essa pretensão de tratar de matéria fora da minha especialidade, e à qual não podia apresentar nenhum título de competência oficial. (BONFIM, 2008, p.2-3)

Diante disso, é possível notar na imagem 1 que, no manual quem faz o prefácio da obra do Rocha Pombo é o Manoel Bonfim, por ele ser membro do Conselho Superior de Instrução Pública e também é quem dá o parecer sobre a obra, enfatizando assim que, esta obra é utilizada nas Escolas Normais e também no Colégio Pedro II, ao qual este colégio era a base para o ensino do país.

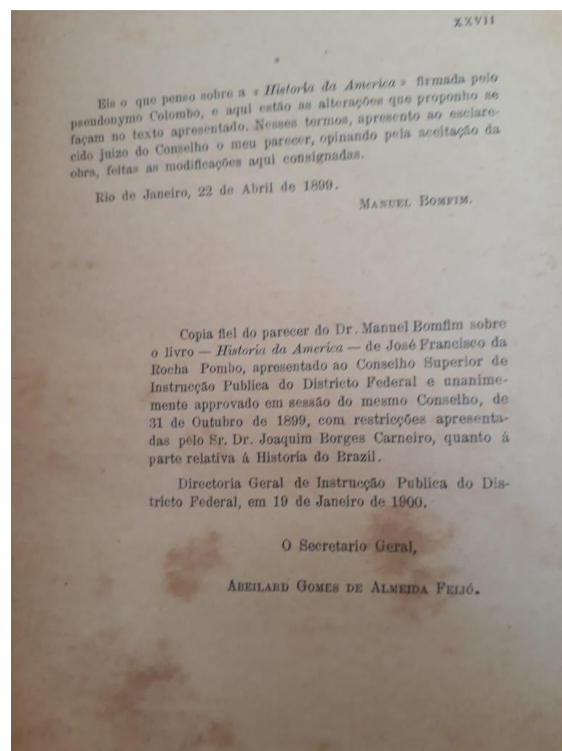
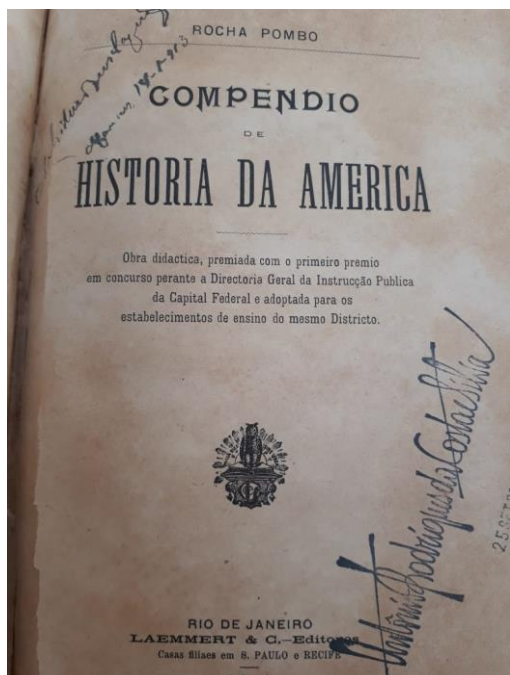


Imagem 1: Arquivo retirado do compêndio História da América de Rocha Pombo
Para tanto, tomamos como base de nossa análise o compêndio, utilizado como instrumento de fundamental importância para esse período de início da República, diante

do seu contexto histórico, marcado pela sua publicação, em 1900, torna-se assim, um símbolo da junção do sistema educacional que, por muito tempo é restrito a apenas um conteúdo que engloba aspectos da nação, Brasil e o conteúdo geral, pois, até então só havia os conteúdos de história geral e história do Brasil como forma de construir dentro da sociedade brasileira um ideal nacionalista aos moldes europeus.

Partindo para análise do compêndio é possível perceber que, na imagem 2, há uma estrutura que vislumbra a capa do próprio compêndio, isto é, abaixo do título, o autor esclarece que é uma obra didática e fora premiada no concurso de Instrução Pública, ao qual fora mencionado anteriormente, sendo adotada nos estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro que, nessa época, estava sendo a capital Federal do país. Por conseguinte, é importante ressaltar que esta obra fora utilizada no Colégio Pedro II, ao qual serviu de base para os liceus e instituições de ensino de todo o país, além de ser utilizada por mais de vinte anos na Escola Normal.

Outro aspecto importante é a editora que publicou a obra, a Laemmert & Cia, uma das maiores companhias do Rio de Janeiro nesse período; trazendo nesse contexto das edições, a obra o Rocha Pombo fora publicado por três editoras e que perdurou no mercado ao longo de mais de quarenta anos sem concorrência, ou seja, a primeira edição é a de 1900, publicada pela Laemmert & Cia, tal como mostrada na imagem 2; a segunda edição do compêndio já é produzida pela editora Benjamin Aguila, publicada em 1925; e a terceira edição, pela Companhia Melhoramentos no ano de 1936.



INDICE GERAL

INTRODUÇÃO..... Pág. XXIX

PRIMEIRA PARTE
Período pre-colombiano

CAP. I.	— Descrição physica da America.....	1
CAP. II.	— A flora americana.....	4
CAP. III.	— A fauna americana.....	6
CAP. IV.	— Os povos aborigenas.....	7
CAP. V.	— Origens, tradições, costumes e linguas dos aborigenas.....	9
CAP. VI.	— Estado de civilisação dos aborigenas da America.....	13
CAP. VII.	— 1. Os dois grandes imperios americanos. O Mexico.....	18
CAP. VIII.	— 2. Os dois grandes imperios americanos. O Peru.....	23
CAP. IX.	— Monumentos subsistentes da civilisação pre-colombiana.....	26
CAP. X.	— Physionomia politica geral do Continente no momento da chegada dos Europeus.....	29
CAP. XI.	— Prognostico sobre o destino da civilisação dos aborigenas.....	31
	Synthese dos capitulos da primeira parte.....	34
	Bibliographia da primeira parte.....	36

SEGUNDA PARTE
Período colonial

CAP. XII.	— Tradições e conjecturas sobre a existencia do Novo-Mundo.....	37
CAP. XIII.	— Christovão Colombo e seu projecto.....	40
CAP. XIV.	— O descobrimento.....	43

Imagem 2 e 3: Arquivos retirados do compêndio História da América de Rocha Pombo (1ª edição-1900). As imagens referem-se a capa e ao sumário do Compêndio

A partir desse processo, partimos para a análise da imagem 3, pois refere-se ao “Índice Geral” que chamamos de Sumário, inicialmente é importante salientar que, no compêndio, o índice é posto no final do livro³, estabelecendo assim que material comece pela introdução; onde constitui todo o corpo organizacional e estrutural do compêndio, mostrando as divisões do conteúdo, no caso do compêndio, é dividido em partes com capítulos, sendo que, ao fim de cada parte é apresentado uma síntese ou resumo dos capitulos, referentes as partes e a bibliografia que fora utilizada para compor cada parte. Nesse sentido, é interessante notar que, o próprio Rocha Pombo faz a Introdução e que, este possui um desejo incessante de escrever uma história da América para o sistema educacional, como forma de englobá-los nesse universo, tal como pode ser perceptível no trecho a seguir:

E isso, é bem claro, só conseguiremos pregando a união de todas as nacionalidades americanas, affirmando perante o mundo a nossa alliança geral, cimentada na consciencia da nossa missão conciliadora: e, portanto, começando por ensinar nas escolas, nos clubs, nas associações, nas nossas festas civicas, pela imprensa, pela tribuna, pelo livro, a historia da nossa grande America, mais bella, mais edificante do que parece aos que lhe desconhecem os nobres lances e aos que não

³ Isso também pode ser perceptível em determinados livros, cujo material fora produzido até o século XX;

reflectem na grandiosa figura que ella tem de representar no vasto scenario do mundo. (POMBO, 1900, p. XXXII)

Percebe-se aqui, o modo como Pombo descreve a América, tendo em vista a linguagem que era utilizada na época, isto é, as palavras que estão cheias de significados e representações e que, na visão de Chartier (1990) operam significados partindo de um método; sendo assim, o trecho representa a construção da identidade de uma história da América para o sistema de ensino no Brasil, pois até o presente momento, estava atrelada a história universal, sendo associada a uma história europeia. Desse modo, Rocha Pombo viabiliza, tal como descrito no trecho acima, uma forma de ensinar à sociedade, a própria história da América, pois antes mesmo de entender a história do Brasil é necessário adentrar a esse processo americano, ao qual a nossa formação está atrelada.

Diante disso, é necessário também elencar sobre o discorrimento dos capítulos, ao qual nessa primeira parte, ao qual ele intitula de “Periodo pre-colombiano”, será objeto de análise, ele discorre acerca da descrição física da América e em seguida vai descrevendo a fauna e a flora; todos esses aspectos são subdivididos em capítulos. Adiante, já no capítulo IV, intitulado “ Os povos aborígenas”, Pombo começa a trabalhar em seu livro sobre os povos nativos da América e essa discussão se estende entre os capítulos V, VI, VII e VIII. Já no capítulo IX ele vai argumentar sobre as construções ou “ Monumentos subsistentes da civilização pre-colombiana”, tal como o capítulo é intitulado, mostrando assim a arquitetura das pirâmides e as construções dessas civilizações. Nos capítulos finais, o autor vai explanar sobre as condições dos aborígenes até o momento da chegada dos europeus, percebendo a sua abordagem na construção do compendio, pois mesmo que ele tenha construído o primeiro compendio de história da América, percebe-se na sua escrita, que ele está associado aos ideais nacionalistas vinculado aos moldes europeus da sociedade na época em destaque.

Contudo, ao analisar a estrutura do livro é possível perceber que o tal se torna uma espécie de memória social, ao passo que, este se constrói como uma identidade nacional a partir do próprio Estado, isto é, este se utiliza das ferramentas educacionais para construir uma identidade nacionalista aos seus moldes e tem no próprio livro, uma ferramenta para ampliação desse projeto. Nesse sentido, o livro se torna uma ideia de memória a partir do momento em que este se apropria dos espaços de memória, seja nos

conteúdos, na forma como os autores abordam tais temas, levando assim a uma apropriação e absorção pela própria sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que fora exposto anteriormente é possível perceber que à medida em que se busca uma construção da nacionalidade, a construção da ideia de nacionalidade e de nação dentro da América Latina se firma a partir da organização política do Brasil e assim se torna um entremeio justificado para adentrar ao contexto educacional, isto é, para compreender esse processo da educação é necessário analisar inicialmente o processo político, pois tanto este quanto o cenário educacional estão interligados à medida que o Estado se detém das políticas educacionais para exercer um controle sobre a sociedade. Desse modo, em relação à análise da própria história da educação, podemos perceber que esta possui uma relação direta com a ideia de circulação do próprio compêndio de Rocha Pombo, pois essa circulação possibilitou uma maior integração do Estado com a sociedade, através do próprio cenário educacional.

Diante disso, a análise do conteúdo do próprio compêndio nos permitiu perceber que havia uma relação entre os processos políticos, pois a medida em que este passa por um processo seletivo, mostra a ideia de que, os livros que serviam de base para o ensino, deveriam passar pela análise do ministério de instrução Pública, que estava integrada ao Estado e a educação; para, posteriormente ser posto em circulação. Isso significava que o próprio Estado tinha um controle sobre todo processo de formação do livro, nos levando a perceber essa relação através do edital publicado pelo ministério de instrução pública, na figura de Manoel Bonfim, como membro desse órgão e também que fora publicado no próprio prefácio do livro. Sendo assim, todo o processo de construção e circulação do compêndio, nos leva a perceber que havia uma relação de interesse entre o Estado e o próprio processo educacional, pois mesmo que a escolha do livro tenha ocorrido do modo previsto no edital de publicação, este tinha uma finalidade para o Estado, que era ser posto no ensino normal a partir da formação de professores, o que nos leva a pensar na própria construção do compêndio.

Logo, fora possível perceber que houve uma necessidade de escrever um compêndio que trabalhasse a formação da América Latina, levando em consideração que, em relação ao contexto político, estava se firmando as ideias nacionalistas dentro do

contexto nacional e dentro da própria América Latina, em alusão à formação dos Estados nacionais; e que, para evidenciar esse contexto, o Estado necessitava de um livro que abarcasse esse processo e que servisse para a própria formação educacional. Por conseguinte, a construção do livro tem finalidades diferentes ao qual pode ser perceptível nas próprias fontes, pois cada livro é construído para ser posto em um programa educacional diferente, isto é, no caso do Rocha Pombo, fora construído para ser posto na escola Normal com o objetivo da formação de professores. Por fim, a circulação se torna um processo final, pois é caracterizado pela escolha da editora e para o público-leitor ao qual se destina o compêndio, mostrando assim todo o contexto que envolve o livro e nos permite compreender o quão complexo e relacionado se torna o livro e sua relação com o processo político-educacional do Brasil, além das suas influências com outros países da América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Douglas de Melo. **A escrita da história da Antiguidade no Brasil oitocentista: um estudo do Compêndio de História Universal (1860), de Justiniano José da Rocha**. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA: UFRJ. 2016.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. Revista Eletrônica da Anphlac. N.4

BONFIM, Manoel. **A AMÉRICA LATINA: males de origem**. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de pesquisas sociais: Rio de Janeiro. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL. 1990.

DARNTON, Robert. **O beijo Lamourette**. São Paulo: Companhia das letras. 1990

FERNANDES, Rogério. **Um marco no território da criança: o caderno escolar**. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.49-67.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006. P. 47-66

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 2012.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001

LUCCHESI, Fernanda. **A história como ideal:** Reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo. Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: SÃO PAULO. 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Antes da escrita:** uma papelaria na produção e circulação de cadernos escolares. **In:** MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org). **Cadernos à vista:** escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.69-89.

SAVIANNI, Demerval. **Instituições escolares:** conceito, história, historiografia e práticas. Cadernos de História da Educação n.4. jan/dez. 2005. p. 27-33.

SILVA, Alexandra Lima da. **Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro (1870-1924).** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói: Rio de Janeiro. 2008.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** São Paulo: Ática. 2007

FONTE DOCUMENTAL

POMBO, Rocha. **Compêndio de História da América.** Laemmert &C. Editoras: Rio de Janeiro. 1900